

SOOPA: que som é aquele?

AIDA CASTRO (ICNOVA/I2ADS.FBA.UP)
e **MARIA MIRE** (CICANT / Ar.Co)

A resposta: Música do Pterodáctilo... a imagem que nós construímos é uma data de pessoas a venerar um dinossauro no meio de uma selva na Nova Guiné.

O documentário realizado em 2010 sobre a SOOPA fala de um passado vivo, vibrante, mas aparentemente longínquo. Esta sensação que dá nada tem que ver com a materialidade das imagens filmadas em DV, cujas gravações apresentam ruído analógico, nem com os mais de dez anos que passaram desde então. Essa ideia de distância prende-se com a capacidade transformadora e, porque não, transformista da SOOPA. A sua acção futurista numa cidade em ruínas.

Desde que Jonathan Uliel Saldanha a formou em 1999, SOOPA é mutante. Numa “cidade encostada à linha do horizonte”, porto de piratas, confluência de periferias, como dizem, “corpo habitado por vermes”. Nessa cidade do Porto, sobre a ideia de uma *ever-mutating orchestra*, esta estrutura produz, há mais de 20 anos, assim como edita e investiga centrada na área da música. No início realizou uma intensa actividade de programação de música experimental e exploratória, que ocupou vários espaços (Casa Viva, Maus Hábitos, entre outros) na primeira década de 2000. Também foi a casa virtual de inúmeros ensambles musicais [Herzbeat Hotel, F.R.I.C.S., Mécanosphère], tendo editado mais de duas dezenas de discos que expandem e espelham as colaborações artísticas que foram sendo sedimentadas no tempo, nomeadamente com Steve Mackay, Arthur Doyle ou Marc Behrens. Mas a SOOPA não é apenas produção, é também uma rede de universos, um cosmos relacionado por telepatias e caixas de



ressonância cerebral e fenomênica: pensamento estabelecido em rede pelos corpos, passagens telemáticas entre cérebros e instrumentos. Sensações, contaminação e vírus, herdeira da comunidade da *revolução electrónica* (W. Burroughs) e de outros hotéis *beat*. Neste sentido, esta plataforma estendeu os tentáculos integrando artistas e músicos como: Benjamin Brejon, Dayana Lucas, Diogo Tudela, Filipe Silva, Frédéric Alstadt, Godofredo Pereira, João Pais Filipe, Nicolas Esterle, entre muitos outros. Apesar de sempre latente, uma dimensão coreográfica e cenográfica revelou, nos últimos anos, um maior protagonismo no interior desta estrutura. Assumindo a SOOPA a realização de espectáculos de dança contemporânea, como *Dream is the Dreamer* de Catarina Miranda, ou de projectos de cinema performativo, como o espectáculo SOMA de Jonathan Uliel Saldanha. Reconhecemos então, nas suas próprias palavras, esta aproximação que poderia definir melhor todas as mutações desta estrutura: SOOPA é uma plataforma internacional de arte e música proteiforme, multi-cefálica, orientada em torno de um colectivo de artistas e pensadores; um laboratório de som, imagem e performance; um cosmos que trabalha nos campos da: autopoiesis, ficção científica caseira, culturas tradicionais fabricadas, mapeamento de territórios invisíveis, animismo radiomagnético e o grande caos sem som.

Este filme documental que dá conta da primeira década da atividade da SOOPA é uma montagem não linear — pujante em fragmentos, registos mais ou menos casuísticos — que articula a força do pensamento sobre a técnica e os seus dispositivos contemporâneos à experiência mais ritualística e tribal da música. A ideia de tribo é aqui enunciada pelo contexto onde esta germina, “uma rede compacta sem visibilidade” aliada na convergência e na proximidade.

A selva foi o início e o som o seu instrumento para pensar, como dizem, o maravilhoso, o fantástico e o inatingível. O Porto é o primeiro lugar de imersão ambiental e cosmológica, como nos mostram os planos picados nas traseiras de uma marquise (de um local preciso que é tido como desconhecido): é nele que se procuram os ecos, as reverberações, é ele que começa por ser cartografado.

E nessa selva há um totem. O Silo Auto é um símbolo de uma certa ideia de coletividade gregária que habitava no 131 da Rua Guedes de Azevedo. A sua arquitetura cintila atrás da vidraça, onde os pirilampos faróis vão ritmando alguns dos depoimentos desta comunidade que se expande.

Este estacionamento elevado é observado e mapeado em longos planos como se houvesse respostas no desenho deste edifício sobre o *modus operandi* da SOOPA. Uma helicoidal que produz uma hélice, sendo uma superfície não regradada gerada pela combinação de um movimento de rotação em torno de um ponto com um movimento de translação deste mesmo ponto. Na aeronáutica, a hélice é responsável por converter o movimento rotativo de um motor numa força propulsora que o faz mover. Movimento criado por impulso, desejo súbito que impele a agir, ímpeto vertiginoso, ataque electrizante.

Assim é o filme sobre os primeiros dez anos da SOOPA: saímos de um túnel em contra picado no qual se mergulhou numa prospecção acústica e entramos num ensaio gravado numa sala do Cineclube do Porto; somos transportados em curto-circuito para o interior de uma estrutura geodésica em Teufelsberg — anterior estação de espionagem da Guerra Fria em Berlim construída sobre os escombros de uma escola militar do exército nazi — convertida num improvisado estúdio onde se grava o *Spectral Choir*.

A montagem deste filme e o seu fundo documental acentua aquilo que a SOOPA foi através da edição das frequências e das diferentes materialidades que a compuseram sem podermos de facto chegar a uma qualquer definição estável. Por um lado o filme marca um momento temporal da estrutura e, por outro, faz convergir pistas sobre um porvir impossível de antecipar: percebemos as sensações imagéticas dessa génese sem códigos que se processa através das tais hélices técnicas, eclodindo tudo o que foi e desde então é tantas outras coisas.